

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS HUMANAS

Luiz Antonio Braz da Silva

**O ESPIRITISMO E CHICO XAVIER:
NOTAS INTRODUTÓRIAS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, LUIZ ANTONIO BRAZ DA SILVA, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372134A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado O ESPIRITISMO E CHICO XAVIER: NOTAS INTRODUTÓRIAS, desenvolvido durante o período de 01/08/2017 a 25/10/2017 sob a orientação de EMERSON JOSÉ SENA DA SILVEIRA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

LUIZ ANTONIO BRAZ DA SILVA

O ESPIRITISMO E CHICO XAVIER: NOTAS INTRODUTÓRIAS

Luiz Antônio Braz da Silva*

RESUMO

O trabalho apresenta a definição da vertente religiosa do Espiritismo no Brasil, influenciada pela sociedade, cultura e política da época. De início, destaca-se o árduo trabalho dos intelectuais que abraçaram a causa de torná-lo uma instituição religiosa legal, como o conhecido e respeitado político, médico e ex-católico, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Atribui-se maior destaque e importância ao surgimento da figura de Chico Xavier, médium mineiro, fundador de um modo próprio de conceber e viver o Espiritismo, através da conciliação e interseccionismo, presentes em sua obra literária e abnegada assistência do Plano Espiritual. Mostra-se a tendência do Espiritismo kardecista brasileiro de se moldar à modernidade, sem perder o objetivo de restaurar o cristianismo à sua pureza inicial.

PALAVRAS CHAVES: Espiritismo. Religião. Sincretismo.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo tem a pretensão de abordar a manifestação do Espiritismo Kardecista no Brasil, influenciada não só pela formação do povo brasileiro, mas por sua cultura, sociedade e política. Será analisada, também, a interação com a cultura católica dominante – ora de oposição, ora de sincretismo – e, finalmente, sua grande capacidade de adequação identitária aos rumos da modernidade. Manifestada nos Estados Unidos e codificada na França, simultaneamente, como uma doutrina filosófica, científica e religiosa, salienta-se a vertente que predominou na definição do movimento espírita brasileiro, em qual classe da sociedade fluiu e quais atores tiveram o papel fundamental para a sua definitiva consolidação. Desses atores, dar-se-á ênfase, em especial, a Chico Xavier, com destaque para seu trabalho fundamental enquanto mediador entre o Espiritismo e a vertente religiosa dominante.

2. ESPIRITISMO

2.1. Dos Estados Unidos para a França

No início do ano de 1848, fenômenos interessantes começaram a acontecer em uma modesta casa no vilarejo de Hydesville, estado de Nova York, nos Estados Unidos, cujas protagonistas foram as irmãs Fox, de uma família de origem alemã. Batidas leves, arranhões nas paredes e nos móveis eram frequentes e aumentavam cada vez mais. No dia 31 de março de 1848, os barulhos se intensificaram, levando uma das irmãs a questionar sua origem. Criaram um código baseado em determinado número de batidas, para definir respostas positivas e negativas. A resposta foi imediata: descobriu-se que o fenômeno era produzido pelo espírito de um homem que havia vivido, anteriormente, naquela casa. Ele havia sido assassinado e seus restos mortais estavam enterrados na adega (SOARES, 1998, p. 82).

Segundo Kardec (1857, p.48), fenômenos alheios às leis da ciência humana se dão por toda a parte. O autor afirma, ainda, que a razão diz que um efeito inteligente há de ter como causa uma força inteligente, capaz de entrar em comunicação com os homens, por meio de sinais materiais. Quando interrogada sobre sua natureza, esta força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais. Assim, de acordo com o autor, foi revelada a Doutrina Espírita.

* Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de fora – UFJF. E-mail: labsilva07@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Emerson José Sena da Silveira.

Manifestando-se primeiro na América, propagou-se rapidamente para a Europa, onde ocorria uma onda de novidades extra cotidianas, principalmente em Paris, França, entre os séculos XVIII e XIX. Era da França que se ditava a moda (o novo) para o mundo inteiro.

Uma série de fenômenos tornou-se o foco das atenções. Movimentação de objetos diversos, mesas girantes e ruídos estranhos eram ouvidos por pessoas que se reuniam para assistir ao espetáculo. Um grande divertimento para uns, enigma para outros.

As primeiras manifestações inteligentes foram registradas por meio de mesas que se levantavam e, com um dos pés, davam certo número de pancadas, respondendo sim ou não, conforme convencionado. A precisão das respostas e a correlação que apresentavam em relação às perguntas causaram espanto. Segundo a doutrina espírita, o ser misterioso, que respondia quando interrogado sobre sua natureza, declarou que era *Espírito*. Portanto, o próprio fenômeno revelou, pela primeira vez, a palavra Espírito.

Motivado por esses fenômenos, surgiu o chamado Movimento Espiritualista, a Doutrina Espírita ou, ainda, o Espiritismo, criado na França, em meados do século XIX, por Allan Kardec. Tendo, por princípio, as relações entre o mundo material e o mundo dos espíritos, os adeptos do Espiritismo denominaram-se *espíritas* (KARDEC, 1857, p. 13).

Allan Kardec era o pseudônimo utilizado por Hippolyte Léon Denizard Rivail, um pedagogo francês. Conhecido pelos espíritas como o *codificador do Espiritismo*, Kardec foi o responsável por organizar, em um corpo teórico-doutrinário, as mensagens que teriam sido operadas pelos espíritos.

O Kardecismo tem como crença a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, de onde se originaram ensinamentos filosóficos, científicos e religiosos. Tais ensinamentos teriam sido revelados por Espíritos Superiores, que se manifestavam através dos médiuns, sendo organizados e codificados por Allan Kardec. Médiuns são pessoas dotadas de sensibilidade aflorada e atuam como intermediárias no contato do mundo espiritual com o mundo corporal. Servem, portanto, de instrumentos utilizados pelos espíritos (seres desencarnados), para entrar em contato com as pessoas (seres encarnados). A proposta do Espiritismo Kardecista visava, desse modo, compreender o mundo e suas relações com o além, que tem forte influência nos pensamentos e nas ações humanas.

A Doutrina Espírita tem como base o Pentateuco, que consiste nas cinco obras básicas, codificadas por Allan Kardec, em Paris – França, com orientação e supervisão dos Espíritos. A primeira obra é *O Livro dos Espíritos*, de cunho filosófico. A segunda, *O Livro dos Médiuns*, tem caráter científico. A terceira, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, apresenta a parte religiosa ou moral da doutrina. A quarta obra trata das penas e recompensas, ou seja, a justiça divina. Finalmente, o quinto livro, chamado *A Gênese*, trata da existência do Universo e do Mundo, dos milagres e das predições segundo o Espiritismo.

Elaborada num momento histórico em que o pensamento filosófico e científico encontrava-se dominado pelo racionalismo e pelo evolucionismo, os ideais da *razão* e do *conhecimento racional* (oposto às noções de mágico e sobrenatural) são explícitos na codificação: as noções de revelação e de experiência, inconciliáveis na perspectiva do discurso científico, complementam-se no Espiritismo (CAVALCANTI, 1990, p.147).

Segundo o Espiritismo, o mundo terreno integra uma infinidade de mundos, nos quais os espíritos habitam graus de evolução superior e inferior. O ser humano sofre por conta das ações equivocadas, praticadas em outras encarnações, expiando, no presente, os erros do passado. Entretanto, nem tudo é carma, de modo que os espíritos tendem, necessariamente, para o progresso. Assim, a encarnação não é apenas expiação, é também provação, ou seja, oportunidade de renovação. A Terra é um planeta de provas e expiações (CAVALCANTI, 1990, p. 151). Nesta perspectiva, para a doutrina espírita, a morte não existe; o espírito ora está encarnado, ora desencarnado. O mundo criado por Deus, na narrativa espírita, compõe-se de uma sociedade de Espíritos encarnados e de Espíritos desencarnados. As duas sociedades mesclam-se, despejam-se uma na outra e, sobretudo, colaboram, por meio de uma série de provas, para a edificação de uma obra redentora (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 291).

3. ESPIRITISMO KADERCISTA NO BRASIL

3.1. Chegada ao Brasil

Em meados do século XIX, o Brasil encontrava-se no Segundo Reinado. Em 1860, em um momento de fortes influências das ideias francesas no meio acadêmico, artístico e político, chegou ao Brasil o primeiro livro da codificação espírita “O Livro dos Espíritos”. Foi na Colônia de Franceses do Rio de Janeiro, capital do Império brasileiro, que o espiritismo deu seus primeiros passos, espalhando-se rapidamente entre as camadas médias. Entretanto, não surgiu como opção religiosa, mas como uma doutrina aliada às modernas tendências políticas e filosóficas. Seu caráter extremamente seletivo à incorporação de adeptos dava-se, principalmente, pelo fato de promover a prática do estudo, da leitura e do transe, atraindo, para si, livres pensadores, maçons, republicanos, escritores, positivistas e laicos. Essa opção, “não religiosa”, foi, também, reforçada pelo momento que vivia o país, preocupado com questões políticas e jurídicas, como, por exemplo, as discussões sobre abolicionismo e republicanismo. Assim, o Espiritismo surgiu nas principais cidades brasileiras e, na primeira década desde seu aparecimento, a Igreja Católica não fez, a ele, grandes oposições (ARRIBAS, 2011, p. 4-5).

Na Europa e, em particular, na França, com seus “preconceitos racionalistas”, o Espiritismo permaneceu apenas como uma ideia, um objeto de pesquisas e discussões especulativas, ou seja, com a ênfase na ciência e filosofia, deixando de lado a religião. Não soube colher na mensagem dos Espíritos, “valores morais e éticos” (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 294). Já no Brasil, de início, o Espiritismo foi absorvido e desenvolvido no seu aspecto triplo. Surgiram três grupos, de modo que cada um tentou enfatizar o aspecto que defendia. Assim, ora pendia mais para o lado religioso, ora para o lado filosófico e ora para o lado científico. Contrariamente ao que aconteceu na França, ocorreu nítida ênfase no aspecto religioso, o que, em certos contextos, resultou em embates entre grupos, com acusações e construção de fronteiras internas (ARRIBAS, 2011, p. 4).

No Rio de Janeiro, os fenômenos das “mesas girantes e falantes” começaram a se espalhar pelas camadas da elite brasileira, mais abertas ao caráter experimental e científico, em um momento marcado pela influência científica positivista (ARRIBAS, 2011, p. 5). No entanto, o Espiritismo chegava a um país novo, com uma cultura fortemente inserida em matrizes religiosas indígenas africanas e, principalmente, católicas (estas últimas foram impostas pelo Estado, como Religião Oficial). Devido ao forte caráter religioso e místico do povo, surgiram grupos interessados nos aspectos morais e religiosos da doutrina. Foram as divergências entre esses grupos, denominados “espíritas religiosos” e “espíritas científicos”, responsáveis pela disputa que acabou definindo o estatuto do Espiritismo no Brasil. Vale lembrar, ainda, dos grupos que davam maior importância aos aspectos “filosóficos” e que não conseguiram, nesse sentido, resultados expressivos. Estas diferentes formas de interpretação tiveram como consequência a formação de diversas associações, o que contribuiu para que o Espiritismo não tivesse forma, nem forças, para se impor. Disperso e fragmentado, após várias tentativas de unificação, surgiu, em 1884, a Federação Espírita Brasileira (FEB), que propôs a unificação dos diferentes grupos espíritas, ainda que não tenha sido capaz de evitar os conflitos (ARRIBAS, 2011, p. 6).

3.2. Desenvolvimento no território brasileiro

Os grupos adeptos do “Espiritismo religioso”, após muitas lutas internas, começaram a ter mais força dentro do movimento espírita, passando a presidir, durante muito tempo, a FEB. Com o fim do Império, após a Proclamação da República, em 1889, o Brasil se tornou um Estado laico, a partir de 1890. Neste cenário, as ações da FEB dirigiram-se no sentido de insistir no “caráter religioso” do Espiritismo. Uma vez que o país permitia, legalmente, segundo a nova Constituição, a liberdade de culto, era necessário defendê-la perante o recém-aprovado Código Penal Brasileiro (ARRIBAS, 2011, p. 6).

O termo Movimento Espírita refere-se a um conjunto maior de atuações dos espíritas, que engloba desde os próprios lares, onde ocorrem inúmeras atividades (um exemplo é o culto no lar), os centros, instituições culturais, hospitais, asilos, orfanatos, imprensa, editoriais, além das sociedades e federações. Porém, a prática do Espiritismo dá-se, de modo mais completo, nos chamados centros ou casas espíritas. Os centros não são obrigatoriamente filiados às federações, podendo optar por fazê-lo ou não. A federação representa uma tendência à uniformização. No entanto, existem, na estrutura da doutrina, duas forças agindo no sentido oposto, a saber: o livre-arbítrio e a mediunidade. Essa última tem seu desenvolvimento controlado, ritualmente, pelos dirigentes desses centros (CAVALCANTI, 1990, p. 148).

Os legisladores do novo Código Penal sofreram pressão de vários segmentos da sociedade (do clero, dos positivistas republicanos, da classe médica, entre outros), que temiam a disseminação da prática do curandeirismo e associavam a prática do Espiritismo aos rituais de magia e adivinhações (ARRIBAS, 2011, p. 6).

A partir de 1891, vários espíritas sofreram processos de criminalização e foram presos por diversas práticas, principalmente o curandeirismo, que a sociedade via como um perigo para a “saúde” e “credulidade” pública. Portanto, o Espiritismo começou a ser visto como “heresia” para os católicos, “charlatanismo” para os cientistas, “crime” para o poder judiciário e “exercício ilegal da medicina” para o poder médico. Toda essa animosidade levou os atores da doutrina (em especial, os “espíritas religiosos”) a um árduo e intenso trabalho em sua defesa. Antes da repreensão por parte de diversos segmentos sociais, principalmente do Estado, as práticas espíritas já possuíam uma produção literária (livros, jornais, revistas e periódicos), fruto de um trabalho prático e intelectual, realizado por agentes interessados e envolvidos na defesa da doutrina. As pressões externas ao movimento espírita foram as grandes responsáveis pelo incremento desse trabalho intelectual (ARRIBAS, 2011, p. 7).

Esses agentes travaram intensos diálogos com as três principais frentes opositoras: os diferentes grupos espíritas, a Igreja Católica e o grupo não religioso (médicos e o Estado). Esses esforços demarcaram as fronteiras e a identidade do Espiritismo brasileiro (ARRIBAS, 2011, p. 8).

Anticlerical e aliado ao pensamento progressista, o Espiritismo brasileiro consolidou-se após graves disputas com o clero católico, devido à sua imagem de religião de livres-pensadores, republicanos, maçons e laicos. Além disso, pelo fato de inexistir uma política sistemática de atendimento à saúde da população, o prestígio da filantropia espírita cresceu, uma vez que oferecia receitas gratuitas, mediunicamente receitadas.

Mesmo combatido pela Igreja Católica, o Espiritismo atraiu e converteu alguns proeminentes membros da elite, católicos notórios, como o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes. Médico, militar e político cearense, Bezerra de Menezes foi um dos primeiros presidentes da FEB, que viu no Espiritismo uma espécie de síntese da moral cristã, de certas crenças católicas e da ciência positiva. Entretanto, o que lhe chamou mais atenção foram os aspectos morais e religiosos da doutrina (ARRIBAS, 2011, p. 8).

Aubrée e Laplantine (2009) afirmam que “A brasilodisséia é comandada por uma autêntica teodiceia. Um Brasil invisível comanda os destinos de um Brasil concreto”. Segundo esses autores, todos os acontecimentos da implantação do Espiritismo no Brasil foram acompanhados, criteriosamente, pelo plano espiritual (o além), através da forte influência nos pensamentos e decisões dos principais atores envolvidos.

Um brasileiro foi escolhido, então, pelo anjo Ismael (o mensageiro de Deus): o doutor Bezerra de Menezes, encarregado de realizar a antiga missão civilizatória num país jovem e cheio de futuro, o Brasil. (...). A narrativa escatológica do Espiritismo indica claramente que existe não só uma Revelação permanente, capaz de orientar o porvir da humanidade, mas ainda uma *minuciosa planificação do Além*, guiando a marcha vitoriosa da Doutrina e fazendo da história um destino. (...). Uma imensa “assembleia celeste” desloca-se pelo espaço, então, atravessando o oceano, reunindo acima da terra brasileira uma assembleia para a qual delega os emissários. São os próprios mensageiros de Ismael que fundam as primeiras sociedades espíritas, em Salvador e no Rio. Em seguida, Bezerra de Menezes recebe do “Altíssimo” a ordem de reunir a família espírita a fim de agregar a “caravana dispersada”. (AUBRÉE e LAPLANTINE, 2009, p. 292-296).

Célia Arribas (ARRIBAS, 2011, p. 8) afirma que Bezerra de Menezes e seus amigos foram os responsáveis por dar ênfase a dois pontos relacionados entre si, que se tornaram centrais na doutrina espírita brasileira.

O primeiro foi a divisa “*fora da caridade não há salvação*” e o segundo é a relação entre “*Espiritismo e cura*”, através de receitas mediúnicas homeopáticas e aplicação de “passes”, que consistem na manipulação, por parte dos passistas, de fluidos benéficos, emanados por espíritos superiores. Esses dois pilares criaram, na FEB, uma entidade denominada “Serviço de Assistência aos Necessitados”, uma espécie de “hospital espiritual” e, desde então, todos os centros acabaram optando por ter algum tipo de prática assistencial. Com muito empenho, os intelectuais espíritas conseguiram mostrar ao Estado que o auxílio e a caridade, prestados nas instituições espíritas, eram, sem dúvida, gratuitas, ou seja, sem fins lucrativos, afastando as suspeitas de charlatanismo e exploração da credulidade pública. Com ênfase no caráter religioso e caritativo da doutrina, os espíritas conseguiram escapar do Código Penal (ARRIBAS, 2011, p. 9).

A constituição do Espiritismo, enquanto religião, assumiu determinadas características bastante significativas: primeiramente, a combinação harmoniosa de um tipo de salvação com as práticas espíritas específicas; segundo, a utilização de uma forma de expressar os ensinamentos contidos na codificação; por fim, a estruturação de instituições, órgãos de difusão e de propagação do Espiritismo. Seu destino foi condicionado pelo caminho tomado pelo *grupo religioso* nesse processo, pelas relações deste com os demais grupos e com os constrangimentos externos ao movimento espírita. Foram essas circunstâncias que levaram à formação de uma

corporação de “literatos” espíritas, em virtude da necessidade de criar escritos sagrados, interpretá-los e impor seu uso. Composto, em sua maioria, por profissionais liberais, ou dirigido por pessoas dessa camada, esse grupo foi responsável pelo trabalho de sistematização e de organização que converteu um sistema de esquemas implícitos em um sistema racionalizado de normas explícitas (ARRIBAS, 2011, p. 10).

Essa camada instruída era formada por gente que gostava de ler e escrever, sendo este o mais forte traço de aproximação entre eles e de aproximação deles com o Espiritismo. Esses primeiros adeptos encontravam nos agrupamentos espíritas a possibilidade de compartilhar uma religiosidade com ares modernos, devido ao seu racionalismo ético e filo-científico, sem deixar de lado algumas crenças católicas enraizadas em sua formação religiosa. Eram doutores da lei, doutores do corpo, jornalistas, professores, ou seja, um grupo social letrado, instruído e fortemente influenciado pelas ideias positivistas e universalistas da época, sobretudo de origem francesa. Assim, ao final do século XIX, o Espiritismo apresentou-se a esse grupo como um corpo doutrinário com o apelo moral “*Espíritas: amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo*”. Esse lema permitia às pessoas tirar consequências práticas de ação no mundo na vida presente, com vistas na vida futura (ARRIBAS, 2011, p. 10 e 11).

Foi esta a formatação do Espiritismo brasileiro, entre 1889 a 1930, período que corresponde ao final do 2º Reinado no Brasil e se estende até a República Velha. Nos períodos seguintes, de maneira dinâmica e necessária, o espiritismo veio atualizando sua faceta, influenciado por sincretismos religiosos, novos rumos da política e pela modernidade. Essas afirmações podem ser constatadas pelo surgimento de um importante personagem nesse cenário, o médium mineiro Chico Xavier, considerado, por alguns, como o Kardec brasileiro. Mais que isso, segundo Lewgoy, Chico Xavier foi um grande mediador, cuja trajetória religiosa confunde-se com os rumos do Espiritismo brasileiro no século 20 (LEWGOY, 2004, p.12).

3.3. Surgimento do médium Chico Xavier na doutrina espírita

Nascido em um ambiente católico devoto, filho de um modesto vendedor de bilhetes de loteria e de uma dona-de-casa simples e piedosa, Francisco Cândido Xavier foi o maior médium dos tempos atuais. Nasceu em 1910, em Minas Gerais, na pequena cidade de Pedro Leopoldo. Mais tarde, em 1958, por questões de saúde, mudou-se para Uberaba, onde residiu até sua morte, em 2002. Perdeu a mãe Maria João de Deus aos cinco anos. Esta, em espírito, tornou-se sua primeira mentora (LEWGOY, 2004, p. 22).

Durante dois anos, Chico foi criado pela madrinha, Rita de Cássia, antiga amiga de sua mãe, que logo se mostrou uma pessoa cruel, aplicando-lhe terríveis castigos e surras constantes a qualquer pretexto, especialmente sob a alegação do menino ter o “diabo no corpo”. Rita de Cássia exerceu uma influência forte e negativa, representando o primeiro contato de Chico com a descoberta de sua “missão” no mundo externo. Com sua madrinha, Chico aprendeu a suportar sofrimentos e humilhações com resignação (LEWGOY, 2004, p. 22).

Seu pai casou-se novamente. A nova madrasta, Cidália, era uma mulher “generosa”, de “grande coração”, que exigiu a reunião dos nove filhos, pondo fim à diáspora familiar. Por insistência de Cidália, Chico foi matriculado na escola, que frequentou por poucos anos. Ali, como na igreja, suas faculdades paranormais continuaram, segundo as narrativas, a causar-lhe problemas. Completou apenas o quarto ano primário, devido à necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da numerosa família que, a essa altura, contava com mais seis irmãos do segundo casamento. O pai sempre teve uma relação tensa com o filho, exercendo um papel distante. De personalidade fraca e dependente da ação alheia, pensou em interná-lo, assustado com a mediunidade do filho. Apesar de católico devoto e das incontáveis penitências prescritas por um padre, Chico não deixou de ter visões e contatos com espíritos (LEWGOY, 2004, p. 23-24).

Observa-se, nesse contexto, a forte relação com a figura materna na formação do caráter do médium. A mãe biológica atuou como mentora e intercessora do filho junto aos “benfeitores espirituais” e “espíritos de luz”. Já a madrinha atuou como mediadora das forças do mal por uma “obsessão”. Finalmente, Cidália, agiu como um “anjo bom enviado para salvá-lo”. O histórico familiar de Chico desempenhou um papel fundamental em sua aproximação com o catolicismo popular ou, melhor dizendo, do Espiritismo com o catolicismo popular (LEWGOY, 2004, p. 30).

Em 1927, aos dezessete anos, Chico perdeu a madrasta Cidália e se deparou com a loucura de uma irmã, que descobriu ter sido causada por uma “obsessão espiritual”. Segundo a doutrina espírita, “obsessão” é o domínio que espíritos inferiores conseguem exercer sobre certas pessoas, provocando malefícios. Esse fato levou-

o a descobrir o Espiritismo. Orientado por um amigo, Chico iniciou-se no estudo do Espiritismo e recebeu nova mensagem de sua mãe, que lhe recomendou o estudo das obras de Allan Kardec e o cumprimento de seus deveres. Em 1931, ocorreu o primeiro encontro de Chico com seu mentor espiritual Emmanuel, informando-lhe sobre sua missão de psicografar uma série de livros. A partir daí, cessaram os encontros espirituais com sua mãe, que só voltou a aparecer de forma esporádica, marcando, assim, a mudança para a maioria de Chico. Com Emmanuel, aprendeu uma rígida disciplina. Severo e exigente, este recomendou a Chico manter-se fiel a Jesus e Kardec (LEWGOY, 2004, p. 24-25).

Através da Federação Espírita Brasileira, (FEB), Chico publicou, em 1932, seu primeiro livro, *“Parnaso de Além Túmulo”*, uma coletânea de poesias ditadas por espíritos de poetas brasileiros e portugueses. Logo seguiram outros e, em 1947, atingiu a marca de 30 livros publicados. Em 1958, já eram 60 livros. Depois, 100 livros. E, a partir daí, não parou mais. Durante seus 75 anos de trabalhos mediúnicos, foram psicografados 412 livros, encerrando-se com a publicação de sua última obra, *“Ceifa de Luz”*, em 1979. Assim,

[...] o lugar de Chico Xavier, na cultura e na religiosidade do Brasil do século 20, relaciona-se à síntese original que realizou entre um Espiritismo Kardecista já bastante influenciado pela cultura católica brasileira, uma tradicional devoção popular católica e uma perspectiva profética do destino da nação brasileira (LEWGOY, 2004, p. 30).

3.4. O Espiritismo brasileiro com Chico Xavier

O Espiritismo brasileiro começou a se caracterizar pelo modelo da figura de Chico Xavier, um personagem cercado de uma aura de sacralidade, responsável por um sincretismo com a “cultura católica brasileira” e pelo abraço do Espiritismo francês, ficando raízes numa proposta verde-amarela no modelo de Estado Nação, típica dos anos trinta. Assim, segundo Lewgoy, ele costurou, em si, personagens culturais do “renunciante” (ou santo) e do “Caxias”, discutidos por Roberto da Matta (1979), tão caros à sociedade brasileira. Mediador entre tradição e modernidade, entre religião e valores laicos, foi por uma via próxima ao pensamento conservador de católicos e laicos, na época do Estado Novo, que Chico Xavier fez o Espiritismo brasileiro ganhar novos sentidos e novos públicos (LEWGOY, 2004, p. 61 e 62).

O aprendizado absorvido em sua vida sofrida, dos cinco aos dezessete anos, além da tutela de seu mentor espiritual, fez de Chico o fundador de um modo próprio de conceber e viver o Espiritismo, criador de uma original articulação entre o sistema personalista de valores, caro ao catolicismo luso-brasileiro e ao reencarnacionismo cármico de Allan Kardec. Sem romper com a doutrina do carma, o Espiritismo brasileiro absorveu a influência do catolicismo popular, da intercessão e da graça (típico do culto aos santos e à Maria) pela devoção familiar centrada na figura materna. Outro aspecto desse sincretismo residia no fato de Chico Xavier fazer peregrinações a bairros pobres de Uberaba, realizando “Culto do Evangelho no Lar”, frente a um casebre previamente escolhido ao ar livre, pouco comum para os padrões Kardecistas, acostumados a mesas brancas, em ambientes de pouca luz, e a palestras em recintos fechados (LEWGOY, 2004, p. 29).

Os livros de Chico recorreram a outras formas de linguagem para ensinar o Espiritismo, como foi o caso das coletâneas de poesias, de pensamentos e, principalmente, de romances. Esse recurso proporcionou ao leitor com dificuldades de compreensão da teoria proposta meios mais suaves de conhecer e aprender a doutrina. Soma-se, a isso, o intenso carisma do médium, que amoleceu o anticatolicismo entre Kardecistas, enfatizando a conciliação e a caridade, além de introduzir a possibilidade intercessionista como alternativa legítima. Dessa forma, no Espiritismo brasileiro, as novas verdades, ainda que recorressem aos tempos de suas origens, foram aplicadas em sua pureza inicial para restaurar o cristianismo e se consolidar, cada vez mais, como opção religiosa popular incontestável. O reconhecimento de suas obras tornou-se o grande fator de união nacional dos Kardecistas (em especial *“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”*), firmada no Congresso de Unificação das Federações Espíritas, em 1949, no chamado *“Pacto Áureo”* (LEWGOY, 2004, p. 120).

É notável perceber *uma minuciosa planificação do Além*, (expressão usada por Aubrée e Laplantine, 2009, p.296) na missão de Chico para psicografar suas obras, obedecendo aos acontecimentos que foram palco no Brasil no regime do governo Vargas e, posteriormente, na implantação do Estado Novo. O mentor de Chico Xavier, Emmanuel, dividiu esse plano em três fases, que chamou de *aviso*, *chegada* e *entendimento*, para explicar a implantação do Espiritismo no Brasil, através de três das principais obras do médium, nas décadas de 30 e 40 do século XX (LEWGOY, 2004, p. 92).

Em 1932, a sua primeira obra, *Parnaso de Além-Túmulo*, coletânea de poesias ditadas por espíritos de poetas brasileiros e portugueses, não foi casual. O gênero literário era considerado de suma importância na República Velha. Ser capaz de proferir discursos, ler e declamar poesias fazia parte da formação corriqueira de membros da elite brasileira. Essa obra, considerada no plano a fase do “aviso”, conferia uma expressão elevada e legítima ao Espiritismo (LEWGOY, 2004, p. 94).

Em 1938, Xavier publicou a famosa obra, atribuída ao espírito Humberto de Campos, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Nela, a história do país recebeu uma interpretação espírita. Uma imensa “assembleia celeste” deslocou-se pelo espaço. Então, atravessando o oceano, reuniu-se acima da terra brasileira. Essa corresponde à fase da “chegada”, segundo Emmanuel. Escolhida para restaurar o cristianismo, fazia-se imensa a missão do Brasil, denominado o “*coração geográfico do mundo*” no conserto da evolução dos povos. Apesar da pluralidade de seus componentes e imensidão do território, o Brasil foi celebrado por conseguir manter a unidade territorial e o conagração harmonioso das três raças num povo com tendências pacíficas. Assim, essa nação deu exemplo ao mundo de um povo indivisível, onde todos os povos do mundo se confraternizam. O movimento espírita encontrou, em Chico Xavier, um médium símbolo na implantação de uma nova proposta de Nação (LEWGOY, 2004, p. 96-97).

Em 1944, “*Nosso Lar*”, ditado a Chico pelo espírito de André Luiz, que teria sido um médico em sua última encarnação, tornou-se o maior clássico do Espiritismo brasileiro. Consiste em uma das obras mais conhecidas do médium, lida por espíritas e não espíritas. É o primeiro da chamada série (composta de 16 livros), atribuída ao mais “científico” e “sociológico” dos autores espirituais. Segundo a narrativa escatológica do Espiritismo, “*Nosso Lar*” consiste em uma colônia espiritual, situada acima da cidade do Rio de Janeiro, de onde o “autor espiritual” narra sua experiência após a morte. A obra contém uma reformulação dos problemas sociais e aponta soluções, além de diferenciar o serviço social profissional da assistência paternalista. Mais que isso, o livro abriu novos rumos para um fundamento metodológico e uma nova dimensão no trabalho de assistência social, empregado nas várias instituições espíritas, constituídas a partir de suas ideias. As novas revelações, feitas por ele, sobre o plano espiritual, reafirmam a fé numa evolução adquirida pelos valores espíritas do *aprendizado*, da *caridade* e do *trabalho*. Portanto, essa obra ilustra a terceira fase, que é do “*entendimento*” (LEWGOY, 2004, p. 92-98).

Nos demais livros da série, os textos chamam a atenção para a interdependência entre os estados mental e físico do ser humano, além do ambiente ao seu redor. Júlio César Borges, no artigo “O Espiritismo Pós-Chico” (BORGES, 2002, p. 45), afirma que, no âmbito científico, muitas das proposições descritas por André Luiz encaixam-se em modernas teorias da biologia e da física. Nesse aspecto, os livros *Evolução em Dois Mundos* e *Mecanismos da Mediunidade* são os mais importantes para o estudo nessa área. Existe, ainda, um vasto material de pesquisa, como, por exemplo, conceitos do universo holográfico, da divisibilidade das partículas atômicas e da origem luminosa da matéria.

Nos anos 30 e 40, as obras mais importantes, posteriores ao *Parnaso de Além Túmulo*, foram os romances ditados pelo espírito Emmanuel, que narram episódios do início da era cristã. Um espírito para a era Vargas, segundo Lewgoy, os seus livros mediúnicos são monumentos de sabedoria e espiritualidade. Em suas obras, são descritas as características de suas quatro últimas encarnações, com o objetivo único de transmitir ensinamentos: a “nobreza” do senador romano Públio Lentulus, personagem do romance mediúnico “*Há 2000 anos*” (FEB, 1939); os “valores cristãos” e o “martírio” do escravo grego-judeu Nestório, em “*50 anos depois*” (FEB, 1940); “abnegação apostólica”, missão e nacionalismo” de Manuel da Nóbrega; finalmente, a “luta contra a injustiça” do padre Damiano, em “*Renúncia*” (FEB, 1943).

Suas encarnações ocorrem em marcos históricos do cristianismo: a Roma dos mártires cristãos, a Éfeso das primeiras comunidades joaninas, o Brasil colonial dos missionários jesuítas, a Espanha do século 17. No Espiritismo brasileiro, a apresentação narrativa de um “cristianismo autêntico” tem prioridade sobre a exegese doutrinária, a partir dos livros de Chico Xavier. Em Emmanuel, o Espiritismo não é cristão apenas porque, num plano teológico e argumentativo, reconhece a primazia de Jesus e de seus ensinamentos, ou mesmo porque espíritos superiores assinam mensagens, como no Livro dos Espíritos. Espiritismo e Cristianismo são sinônimos porque, pela obra psicográfica de Chico Xavier, os espíritos que no presente ensinam a doutrina espírita são afirmados como os mesmos cristãos que ontem viveram a conversão e o martírio dos primeiros tempos. (LEWGOY, 2004, p. 50).

Os livros destes três espíritos, segundo as narrativas kardecistas, Humberto de Campos, Emmanuel e André Luiz, qualificam a reforma espírita proposta pela FEB. Humberto de Campos consiste no *intelectual*, que faz revelações religiosas a respeito do lugar do Brasil como “Pátria do Evangelho” na consolidação do Espiritismo, logo após a instauração do Estado Novo. Emmanuel, o *nacionalista*, representa a face missionária, militar e

nacional do Espiritismo, fazendo, também, sua conexão com o cristianismo histórico original. E, André Luiz, o *aprendiz*, apresenta um testemunho de conversão ao Espiritismo, com seus depoimentos sobre a vida do além-túmulo.

O conjunto da obra psicografada por Chico Xavier constitui um universo de informações que já teve várias aplicações práticas. Particularmente nos romances, os autores desencarnados conseguiram transmitir uma imagem vivida do plano espiritual, complementar às dos livros de Allan Kardec. Ali figuram de forma acessível a uma grande massa de leitores, explicações coerentes e válidas sobre temas que inquietam o ser humano desde o início da sua jornada terrestre, como o destino, as desigualdades sociais e as doenças incuráveis (ARAIA, 2002, p. 35).

Nos anos 50, por todo o seu trabalho e carisma, foi atribuída a Chico a imagem de santo popular, ou seja, um santo fora da igreja católica. Imagem essa, evidentemente, sem qualquer aval por parte da FEB, já que o Espiritismo de Kardec não reconhece a existência de santos e nem o valor de seu culto. Esses são denominados espíritos superiores, fenômeno explicado pela mediunidade. No Livro dos Espíritos, a ênfase dada a Jesus é de espírito de maior elevação já surgido na Terra, considerado modelo único a ser seguido. Porém, o sincretismo elaborado a partir de Chico Xavier deu novo realce à figura de Jesus e seus apóstolos (e também a Maria de Nazaré, a partir de afinidades eletivas entre a Virgem e Maria João de Deus, mãe de Chico), elaborados através de narrativas doutrinárias, em manuais espíritas de moralidade, em pequenos livros de conselhos e orientações.

Nessa época, a continuidade da respeitável obra de Chico Xavier, com os livros *Jesus no Lar* (espírito Neio Lúcio, 1950); *Pai Nosso* (espírito Meimei, 1950) e *Evangelho em Casa* (espírito Meimei, 1952) inaugurou uma nova fase do Espiritismo, que deixou de ser praticado somente nos centros, e passou, também, a ser praticado nos lares, incorporando aspectos de uma religiosidade popular e familiar (LEWGOOY, 2004, p.42). Já nos anos 60, ganhou força a publicação de livros de mensagens e livros compostos de cartas de mortos a familiares, que consultavam o médium em Uberaba. Esses livros anteciparam a literatura de autoajuda. Seus escritos passaram a abordar, também, temáticas relativas ao sexo livre, juventude e drogas. E nos anos 70, livros como *Jovens no Além* (1975) e *Somos Seis* (1976), a linguagem modificou-se, condizendo com os novos padrões do público, abrindo caminho para a modernização da linguagem dos textos espíritas, antecipando o estilo que surgiria nos livros de Zíbia Gasparetto (LEWGOY, 2004, p. 100-101).

3.5. O Espiritismo brasileiro após Chico Xavier

A partir dos anos 80, verificou-se um ponto de mudança no Kardecismo no Brasil, antecipando movimentos espiritualistas prestes a serem deflagrados dentro e fora das religiões tradicionais. O fim do monopólio católico assinalou uma nova etapa de existência do campo religioso brasileiro, em que as velhas referências deram lugar a uma situação de mercado desregulado de bens simbólicos (LEWGOY, 2006, p. 220). O Kardecismo manteve-se numa espécie de dialética de oposição e sincretismo com a Igreja, cuja ênfase repousava na conciliação, no interseccionismo e na caridade como valor cardeal. Ele também reciclou seu profetismo, referente às transformações do planeta na passagem ao século 21, de um modo milenarista. O impacto da modernidade sobre as práticas religiosas implicou uma transformação radical no modo que as mesmas passam a ser vivenciadas.

Segundo Aubrée e Laplantine (2009), citando a fórmula de Max Weber, Allan Kardec pretendia fundar uma ciência capaz de explicar o mundo. Ao dissolver os mitos e mistérios, dava mais ênfase à forma que ao conteúdo da doutrina. A isso Max Weber qualifica como “*desencantamento do mundo*”, abrindo um setor completo de pesquisa, expurgando qualquer referência religiosa e emoção poética. Esse mundo desencantado o Espiritismo brasileiro vai encarregar-se de “*reencantar*”, proporcionando-lhe calor efetivo, força do imaginário e, sobretudo, o sabor incomparável, apenas proporcionado pelos mitos.

O advento Chico Xavier serviu para solidificar de vez o Espiritismo no País, ou seja, disseminar a crença na reencarnação e dar-lhe vigor redobrado, nesta agitada transição do segundo para o terceiro milênio (BORGES, 2002, p. 45).

No interior dos centros espíritas, ocorrem debates entre espíritas tradicionais e das novas gerações, esses democráticos e críticos. Fala-se da reforma íntima, do valor do sofrimento e dos limites e das fronteiras que definem a identidade espírita. Afirma-se, também, que o Espiritismo está em plena destradicionalização, na mesma medida em que as referências brasileiras passam a regular a reativação doutrinária e ritual do Espiritismo em diversos lugares do mundo (LEWGOY, 2006, p. 221).

Importantes fenômenos podem ser observados na vocação espiritualista brasileira: um país sempre receptivo à grande diversidade religiosa, com respeito às diferenças, através do surgimento de movimentos como o “New Age” e o “Vale do Amanhecer”, que arrebatam a cada dia mais adeptos, entre outros surgidos dentro das próprias religiões tradicionais, fenômenos que fundamentam a missão da sociedade brasileira, constituída por imigrantes do mundo inteiro, de preparar a civilização planetária futura.

Stoll (2005), em seu excelente texto de pesquisa publicado pela revista USP, “*O Espiritismo na encruzilhada: mediunidade com fins lucrativos?*”, mostra como as opiniões se dividem quando a discussão incide sobre o uso da prática mediúnica como atividade econômica, isto é, como meio de sobrevivência e/ou de enriquecimento pessoal. A autora procura, através desse texto, trazer essa discussão ao campo espírita. Para isso, faz um estudo da trajetória da família Gasparetto, marcada pela aproximação do ideário da chamada “Nova Era” e das práticas de “autoajuda” com fins lucrativos, contrárias a um dos fundamentos da prática espírita: o exercício da mediunidade como prática de caridade. Tem, ainda, uma abordagem sobre “A Ética da Prosperidade”, tema novo no meio espírita, fortemente rejeitado pelos kardecistas, em função de seu distanciamento com a tradição (STOLL, 2005, p. 176-185).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Espiritismo brasileiro consolidou-se no país por uma série de elos, como acontecimentos históricos e sociais. Primeiramente, a doutrina foi absorvida e promovida por um grupo de agentes que provinha de uma camada socialmente privilegiada e letrada, capaz de compartilhar uma religiosidade com ares de moderna e tomar posições novas, sem deixar de lado as originárias. Foram eles os responsáveis por um trabalho de sistematização e de organização, conciliando algumas concepções católicas com concepções espíritas, englobando também alguns postulados científicos, que contribuíram para a construção de um *ethos* espírita no Brasil.

Nessa fase, como religião, o Espiritismo ainda pouco ecoava entre as faixas sociais subalternas da população, que não se identificavam com o aspecto erudito da doutrina. Foi com Chico Xavier que essas barreiras foram gradativamente transpostas, pela força de sua articulação com crenças e práticas vindas de um catolicismo popular – em especial a identificação de sua mãe com a figura de Maria, fazendo com que os espíritas relacionassem-se com essa intercessão religiosa de forma natural.

Dotada de grande capacidade de transformação, as expressões rituais ganharam novo ímpeto numa assimilação com a tradição orientalista e evidente aclamação por uma nova identidade espírita, com tendência a ser assimilada na contínua dialética de oposição e sincretismo, responsável, até então, pelo sucesso dessa religião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIBAS, Célia da Graça. Uma sociologia histórica do Espiritismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan. 2011.

ARAIA, Eduardo. Médium Nota 10. **Planeta**. São Paulo, edição extra, p. 35, jul. 2002.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A Mesa, o Livro e os Espíritos**. Gênese, Evolução e Atualidade do Movimento Social Espírita entre França e Brasil. Maceió/AL: 2009.

BORGES, Júlio César. O Espiritismo Pós-Chico. **Planeta**. São Paulo, edição extra, p. 45, jul. 2002.

CAVALCANTI, Maria L. Viveiros de Castro. O Espiritismo. In. LANDIM, Leilah (org.). **Sinais dos tempos**. Diversidade Religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: ISER, 1990.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1944.

LEWGOY, Bernardo. **O grande mediador**: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LEWGOY, Bernardo. O sincretismo invisível: um olhar sobre as relações entre catolicismo e Espiritismo no Brasil. In: ISAIA, Artur Cesar (org.). **Orixás e Espíritos**: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea. 1 ed. Uberlândia: 2006.

SOARES, Affonso. Hydesville e as irmãs Fox (150 anos). **Reformador**. Rio de Janeiro, ano 116, n. 2028, mar. 1998.

STOLL, Sandra Jacqueline. O Espiritismo na encruzilhada: mediunidade com fins lucrativos? **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, set./nov. 2005.